

## **Segredos de um novo amor**

**Responsables dupla:** Alicia Yacoi y Diana Wolodarsky (EOL)

**Participantes:** Ivana Bristiel, Alejandra Crivelli, Adriana Fanjul, Juan José García, Cecilia Gorodischer, Claudia Lázaro, Alejandra Loray, Florencia Maggi, Silvia Salman, Eugenia Serrano, José Luis Tuñon, María Laura Valcarce, Dalia Virgili Pino, Liliana Zaremsky, Natacha Zarzoso.

*Talvez não fosse pensar, a fórmula, o segredo,  
 Mas dar e receber perdida, ingenuamente,  
 Talvez eu pudesse escolher, ou necessariamente,  
 Tinha que pedir sentido a todo custo.*

(Idea Vilariño)

O título que convoca nossa dupla "Amores secretos: fantasias e sintomas", dá conta, inicialmente, de um universal - amores secretos - e de algo singular - fantasias e sintomas.

O trabalho que realizamos nesta dupla formada por 15 colegas, cujo entusiasmo por interrogar este "x" nos pôs a trabalhar desde o primeiro encontro, precipitou em escritos singulares.

Esperamos que estas linhas consigam transmitir os traços que foram extraídos deles, as diversas vias por onde nosso tema foi abordado.

Buscamos que o entusiasmo por considerar o valor do segredo desde outros discursos - literatura, poesia, cinema - não nos desviasse do subtítulo: “modalidades contemporâneas dos laços”.

Há algo novo no amor que o distingue de outros tempos?

Lacan aponta que o discurso analítico promete produzir algo novo no amor e que esse novo é transcendental<sup>1</sup>. Não é uma promessa de eternidade, mas de uma referência ao número transcendental, números não numeráveis e infinitos. O novo, o amor de transferência como amor real, é então relacionado ao feminino.

---

<sup>1</sup> J. Lacan, *Televisão, Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. pág. 529.

Os amores secretos, seus sintomas e fantasias, são uma via para abordar a única promessa da análise.

### **Freud e o segredo**

Existem segredos que podem passar pelo crivo da verdade mentirosa e existe o segredo que acarreta um impossível. Aqueles decifráveis no campo do significante e aquele outro do qual sabemos que diante da impossibilidade de evocar ou lembrar, posto que não foi esquecido, responde a um gozo que escapa à palavra.

No momento do nascimento da psicanálise surge o papel do segredo, Freud o pressupõe. Lembremos que no caso Elizabeth, tenta a hipnose, buscando esse segredo que ele acredita que ela tem, recortando e isolando em uma operação de redução. O Outro me ama como uma mulher qualquer, então "não dar um passo". Arrancar-lhe o segredo não ilumina a opacidade do sintoma. No entanto, Elizabeth volta a dançar, um gozo que, nas palavras de Lacan, ganhou terreno ao gozo fálico fantasmático. Dimensão do segredo em Elizabeth que justifica muito bem o uso do plural, sintomas e fantasias se esclarecem no revelar do segredo.

Um segredo com um valor muito diferente daquele dado por Freud, é o que encontramos na teoria da prosa de Piglia<sup>2</sup>.

O segredo não tem a ver com a forma, nem com o conteúdo. É uma qualidade do relato que mostra o que não pode ser dito. Segredo que não é dito, é mostrado e o que é mostrado está em disjunção com o que é narrado.

Outra dimensão do segredo, como *sinthoma* na Nouvelle com uma temporalidade real, que não é a da retroação (exemplo: os contos de Onetti).

Em "Os Mortos" de James Joyce, também se pode dizer que é um conto em que o amor secreto coloca a mulher como "Outra", "como se não tivéssemos sido marido e mulher". Assim como Nora não era um fantasma para Joyce, mas um sintoma e, como tal, sem sentido, uma estranha.

Uma primeira formulação então: há um segredo que tem função de fantasma, ligado ao gozo fálico. Há um segredo que tem função de sintoma, vinculado ao Outro Gozo.

---

<sup>2</sup> R. Piglia, Teoría de la prosa. Ed. Eterna cadencia, Buenos aires 2019. pág. 31.

## **A época e os laços contemporâneos**

O trabalho coletivo foi precipitando em temas que beiravam a vergonha e o pudor, o íntimo e o secreto, o segredo e o mistério, o amor no regime do pai e o amor fora do regime do pai. O segredo e a verdade, o segredo e o indizível, o amor e os tempos de gozo.

Na atualidade de nossa prática, não continuamos a ouvir o alívio ou a vergonha que se manifestam nos analisantes?: "Nunca contei a ninguém sobre isso." Qual é a graça que guarda o segredo de amor ou a impossibilidade de manter o segredo, que continua a ser motivo de discurso nas análises?

É na ficção científica que os relatos podem antecipar-se aos efeitos da ciência, como um efeito forclusivo sobre o amor e, junto com o amor, a promessa de que será possível suprir a não relação sexual e que o mundo será um lugar sem discórdia.

Localizamos o que distingue os laços contemporâneos: tudo pode ser visto, nada se esconde.

Lembremos um capítulo da série Black Mirror, nele as pessoas usam um chip sob a pele que permite ver tudo sobre os movimentos do outro como uma gravação. Se torna insuportável para o protagonista a impossibilidade de fechar os olhos para isso que não cessa de dar-se a ver.

O fato de o parceiro poder saber tudo sobre o outro acessando às cenas de sua vida, nos mostra o que Lacan antecipou, um retorno da conjunção de Kant com Sade, um imperativo feroz de gozo.

Nas formas atuais de modos de encontro, achamos aqueles acordos em que é dado total consentimento para não se guardar segredos entre os parceiros, a respeito de não serem únicos para o outro, poliamor e outras modalidades. Os mesmos que manifestavam plena aceitação, posteriormente apresentavam efeitos de angústia que questionavam tal consentimento.

A própria essência da época em que a exatidão da ciência constitui o esforço de reduzir o desconhecido ao já conhecido, na tentativa de abolir o que se apresenta como novo, diferente, misterioso.

O fala-ser é silenciado e reduzido a um mero recurso calculável e disponível, tanto em sua condição de engrenagem na produção de oferta de bens ou serviços, quanto de consumidor cujo comportamento é explicável, previsível e controlável.

Nesse panóptico generalizado, a fronteira entre o público e o privado, o pudico e o impudico, se dissolve. Na ficção de que se pode saber tudo, de que tudo pode ser dito e tudo pode ser visto, o segredo é a forma que pode assumir a tentativa de separar-se do Outro onisciente. É a crença em um saber sem resto, que exige como única alternativa o oculto para escapar de um Outro omnivoyeur, ao mesmo tempo em que se sustenta a fé em seu poder ilimitado. Nesse sentido, um amor secreto é o artifício a partir do qual se preserva um fio de intimidade onde reencontrar a vida no corpo, para a proteção da vertigem que o gozo fora do corpo proporciona.

### **O uso do segredo, um tratamento do Todo**

Em um dispositivo de abordagem para um caso de autismo, um paciente repetia o nome de outra criança, bombardeio fônico, mortificação de Lalíngua. No espaço de apresentação de pacientes, o menino secretamente diz ao analista o nome que ele não parava de gritar. A constituição de uma borda, uma consistência corporal que atua como limite.

Para Antoni Vicens: “o real não guarda segredos: o seu silêncio não esconde”. “Aí devemos aprender com as mulheres, sobre seu gozo não guardam segredo (o segredo está na significação fálica do fantasma), apenas não sentem a necessidade ou a nescidade de dizer tudo”<sup>3</sup>.

É um campo em que o sujeito se separa do Outro. Não há um sentido para esconder, está fora do sentido. Chamamos de segredo um gozo que se faz sentir no corpo, uma satisfação silenciosa por estar fora do simbólico.

É no século XXI que Lacan levanta o amor "como dois meio-dizeres que não se recobrem". Quando você tenta dizer tudo... constitui "uma suja miscelânea"<sup>4</sup>.

Amor e sinthoma, um novo amor que não passa pelas coordenadas fálicas, inscreve-se na lógica feminina.

Que nem tudo possa ser dito não diz sobre a impotência do sujeito, é um fato de estrutura que dá conta de um impossível. Ali onde não há Outro do Outro, buraco real, o segredo se revela estruturalmente indecifrável.

---

<sup>3</sup> A. Vicens, El ser del habla y la existencia del secreto. Revista Freudiana 66. Edita Escuela Lacaniana de Psicoanálisis, 2012.

<sup>4</sup> J. Lacan, O Seminário 21, Os não-tolos erram. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. Aula de 15-1-74, pág. 113.

## **O segredo, o pudor, o amor**

A impossível escritura da relação sexual torna-se o fundamento de todas as pontes e fios que cada pessoa estende para criar um laço.

O caminho do amor é uma abordagem muito precisa, pois o amor é o que tende a amarrar, é o meio pelo qual os corpos tendem a se amarrar.

Só o Discurso Analítico é um operador que permite revelar o amor como suplência dessa inexistência e, ao mesmo tempo, situar o amor de transferência como amor real, como uma via de invenção.

Como alcançar o Dois sem tampar o buraco da impossível relação?

O nó borromeano propõe fazer surgir o Dois de uma maneira nova, fora da teoria dos números e a partir da ausência de ordem.

É um viés para fazer surgir dois como se estivessem unidos. Na verdade, nunca é por uma relação de dois, pois existe um terceiro que opera no meio.

Põe-nos a pensar o amor Simbólico, o amor Imaginário e o amor Real como meio.

Do **amor imaginário**, cujo paradigma é o amor cortês, Lacan nos diz que é uma modalidade já passada no tempo, que tem regras que determinam o comportamento entre os amantes, existindo entre eles diferentes graus de relação que vão desde o amor que a dama ignora, até a ausência de relações carnavais.

É a valorização do imaginário, da beleza, desvinculada da realização de uma finalidade em que muitas vezes a relação sexual é evitada. Como todo amor está enraizado no impossível, a relação sexual, podemos dizer que nesse ponto todo amor é cortês.

Assim como o amor cortês produz o tratamento dos gozos e dos corpos segundo o discurso medieval, o discurso de nossa época também modula os gozos, os corpos e os laços amorosos. Se o amor cortês tem regras e uma linguagem forjada pelos poetas da época, isso tampouco falta na virtualidade. A partir da expressão “clavar el visto<sup>5</sup>”, que nos chamou a atenção há alguns anos, surge uma linguagem cujo significado nem sempre é claro, como toda linguagem.

---

<sup>5</sup> Essa expressão, tipicamente argentina, é dita quando uma pessoa leu a mensagem enviada por outra (por WhatsApp, por exemplo), mas não a respondeu. Fica ali o registro de que houve a visualização, mas como não veio a resposta, a pessoa sente que foi ignorada, “deixada no vácuo”.

O **amor simbólico** como meio, ali Lacan localiza o trabalho do Inconsciente, com uma reformulação do saber que se alcança no trabalho de elaboração pelo deciframento. Um saber invariável, núcleo como tal do saber inconsciente, limite do gozo fálico fantasmático.

Se é verdade que não se pode escrever a relação sexual, conclui Lacan, não é o deciframento que tem o limite. Dizemos que não se pode decifrar tudo, mas é mais preciso dizer que não se pode cifrar tudo.

O **amor real** como meio, não poderíamos situá-lo senão no surgimento do dispositivo analítico. Falar do amor como real, colocar o real como meio em oposição ao real do trauma, atesta o fenômeno da transferência.

Um efeito dessa amarração é o surgimento de um dizer pudoroso.

Patrick Monribot<sup>6</sup> aborda o pudor original afirmando que não é comparável à vergonha, solidária da repressão e seu retorno. Deve ser entendido como uma borda, uma barreira diante do buraco da sexualidade. Lembra-nos que já no Seminário 7 Lacan trabalhou a noção de pudor como barreira que delimita, que impede o acesso direto ao buraco do sexual, que veste “o impossível e nomeia o impensável do real” que por esses anos Lacan já marca como fazendo referência ao feminino e, portanto, ao Outro gozo.

Então não se trata apenas do buraco entre o Simbólico e o Real, mas também entre o Imaginário e o Real, do encontro de dois vazios.

O dizer pudoroso só pode ser concebido por amor real e é o que se espera e se obtém da interpretação analítica. Um uso da palavra que não funciona como tela fantasmática onde há um inominável.

Para concluir, os amores secretos, seus sintomas e fantasias, demonstraram ser a boa maneira de retomar a promessa lacaniana de um novo amor a partir do Discurso Analítico. Não só por orientar uma análise na direção de um amor mais além do objeto  $a$ , mas na medida em que constatamos que é o amor de transferência - amor real - que faz limite, ele se interpõe ao empuxo do Todo dos laços contemporâneos.

---

<sup>6</sup> Monribot, P. “El pudor original” El psicoanálisis. Revista de la Escuela Lacaniana de psicoanálisis N°12, 2007.

## **Referências bibliográficas**

1- J. Lacan, Televisão, Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. pág. 529.

2- R. Piglia, Teoría de la prosa. Ed. Eterna cadencia, Buenos aires 2019. pág. 31.

3- A. Vicens, El ser del habla y la existencia del secreto. Revista Freudiana 66. Edita Escuela Lacaniana de Psicoanálisis, 2012.

4 – J. Lacan, O Seminário 21, Os não-tolos erram. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. Aula de 15-1-74, pág. 113.

5- Monribot, P. “El pudor original” El psicoanálisis. Revista de la Escuela Lacaniana de psicoanálisis N°12, 2007.

Tradução: Tainã Rocha.